

SEMINÁRIO ESTADUAL



Pacto Nacional pela
Alfabetização na
Idade Certa

O Brasil
do futuro
com o
começo
que ele
merece

Caderno de
Resumos

09 a 11 dez. 14 Pelotas/RS

Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

**CADERNO DE RESUMOS
DO SEMINÁRIO ESTADUAL DO PACTO
NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO
NA IDADE CERTA**

Pelotas, dezembro de 2014

UFPel/RS

Seminário Estadual do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC

Coordenador Geral

Antônio Maurício Medeiros Alves

Coordenadoras Adjuntas

Ana Paula Nobre da Cunha
Marta Nörnberg

Supervisores

Eliane Kiss de Souza
Gilceane Caetano Porto
Janaína Soares Martins Lapuente
Patrícia dos Santos Moura
Rose Lemos de Pinho

Apoio Técnico

Cristiane Rodrigues de Rodrigues
Milena Medeiros de Mattos
Rita do Carmo Bortolotti Lemos

Identidade Visual e Diagramação

Chris de Azevedo Ramil

Página Web

Leroi Floriano de Oliveira

<http://pnaic.ufpel.edu.br/>
pacto.ufpel@gmail.com

Formadores

Alexander Severo Cordoba
Aline Vieira da Cunha
Ana Carolina dos Santos Alves
Carmen Regina Gonçalves Ferreira
Cristiane de Ávila Lopes
Daiani de Jesus Garcia
Darlise Nunes Ferreira
Denise Garcia Maia
Eliane Helena Menegotti
Elisangela Krafchinski Trentin
Eunice Souza Couto
Fabiana Caldeira Damasco
Fabiane Rodrigues Viana
Fabrício Monte Freitas
Fernanda Pinheiro Leite Pereira
Francine Fernandes Ribeiro
Girlei dos Santos
Gisele Ramos Lima
Lenise Maraschin Nunes
Letícia de Queiroz Maffei
Luana de Gusmão Silveira
Luciane Tavares Pinheiro
Marcia Souza da Rosa
Maria Laura Pinto e Rosa
Mirela Stefânea Pacheco
Nilza Teresinha Ribeiro Xavier
Patrícia Bonow Fassbender
Patrícia de Faria Ferreira
Patrícia Pinho Contreira
Ruhena Kelber Abrão Ferreira
Silvia Raquel Islabão da Silveira
Tânia Tuchtenhagen Clarindo

ISSN: XXXXXXXXXX

S471c Seminário Estadual do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2014 : Pelotas)

Caderno de resumos [do] Seminário Estadual do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. 09 e 11 de dezembro de 2014/RS [recurso eletrônico] – Pelotas : [s.n.], 2014.

45 p.

O Brasil do futuro com o começo que ele merece.
Modo de acesso : Internet
<http://pnaic.ufpel.edu.br/>

1. Ensino fundamental. 2. Alfabetização matemática. 3. Professores, formação continuada. I. Título.

CDD 372.21
370.71

APRESENTAÇÃO



APRESENTAÇÃO

O **Seminário Estadual 2014** encerrou as atividades anuais de formação do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa/Matemática (PNAIC), cujo objetivo principal foi a Formação continuada de Professores das Redes Públicas de Ensino que atuam nos três primeiros anos do Ensino Fundamental, ação coordenada, em parte do Rio Grande do Sul, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

A Equipe **PNAIC-UFPel** organizou este evento com o intuito de criar um espaço para o compartilhamento e a avaliação das atividades desenvolvidas ao longo do ano de 2014. Um grupo de 38 formadores e 517 professores Orientadores de Estudo, de 150 municípios gaúchos, celebrou a conclusão com os professores e com a comunidade o término de um ano de trabalho intenso. Os resultados deste investimento, que mobilizou os governos Federal, Estadual e Municipais assim como a equipe da Universidade e, sobretudo, os Professores Alfabetizadores, foram vislumbrados em apresentações sob forma de relato de experiência.

Ao término deste Seminário, foram cumpridas as 200 horas de formação com os Orientadores de Estudos.

Os resumos que constituem este caderno apresentam os resultados de estudos e práticas de formação continuada desenvolvidas ao longo de 2014.

Coordenação Equipe PNAIC-UFPEL

PROGRAMAÇÃO



PROGRAMAÇÃO

TERÇA-FEIRA – 09/12/2014

Teatro Guarani	8:00 – 9:00	• Credenciamento
	9:00 – 12:00	<ul style="list-style-type: none"> Abertura do II Seminário Estadual <i>Prof. Mauro Del Pino - Reitoria UFPel</i> <i>Prof. Antonio Maurício Medeiros Alves - PNAIC</i> <i>Profa. Lucia Peres - FaE/UFPel</i> <i>Profa. Ligia Carlos - Formação Continuada</i> <i>Prof. Jose C. de Azevedo (SEDUC)</i> <i>Prof. Gilberto de Lima Garcias (SMED Pelotas)</i> <ul style="list-style-type: none"> Conferência de Abertura: Matemática, Aprender e Compreender <i>Profa. Luzia Faraco Ramos</i> Mediação: <i>Profa. Eliane Kiss (PNAIC-UFPel)</i>
	12:00 – 14:00	Almoço
Colégio Santa Margarida	14:00 – 16:00	• Oficina
	16:00 – 16:30	Intervalo
	16:30 – 18:00	• Relato de Experiências das OEs

QUARTA-FEIRA – 10/12/2014

Teatro Guarani	9:00 – 10:00	<ul style="list-style-type: none"> Painel: Políticas de diferença, Memória social e Relações étnico-raciais <i>Profa. Madalena Klein (UFPel)</i> <i>Profa. Ledeci Lessa Coutinho (SMED Canguçu)</i> <i>Profa. Marielza Barcellos Medeiros (CRE-Pelotas)</i> Mediação: <i>Profa. Janaina Lapuente (PNAIC -UFPel)</i>
	11:00 – 12:00	<ul style="list-style-type: none"> Compartilhando experiências Mediação: <i>Profa. Gilceane Caetano Porto (PNAIC-UFPel)</i>
	12:00 – 14:00	Almoço
Colégio Santa Margarida	14:00 – 16:00	• Minicurso
	16:00 - 16:30	Intervalo
	16:30 - 18:00	• Minicurso



QUINTA-FEIRA – 11/12/2014

Teatro Guarani	9:00 – 10:00	<ul style="list-style-type: none">• Palestra: Alfabetização e Educação Matemática: relações com as Neurociências e as Artes <i>Profa. Fernanda Antoniolo (FURG)</i> <i>Prof. Donald H. de Barros Kerr Junior (IF Sul)</i> Mediação: <i>Profa. Rose Pinho (PNAIC-UFPel)</i>
	11:00 – 12:00	<ul style="list-style-type: none">• Compartilhando experiências Mediação: <i>Profa. Patrícia Moura (PNAIC-UFPEL)</i>
	12:00 – 14:00	Almoço
Teatro Guarani	14:00 – 18:00	<ul style="list-style-type: none">• Conferência de Encerramento: Avaliação Nacional da Alfabetização: desafios para a gestão e organização do trabalho pedagógico <i>Prof. João Alberto da Silva (FURG)</i> <i>Profa. Marta Nörnberg (UFPel)</i>• Apresentação Cultural• Coquetel de Encerramento

RESUMOS



O Brasil do futuro com
o começo que ele merece

SEMINÁRIO ESTADUAL

09 a 11
dez. 14
Pelotas/RS

Resumos

RELATO DE EXPERIÊNCIA



ADRIALDA FÁTIMA SFOGLIA LORENZI

titalorenzi@hotmail.com

IMPRESSÕES MATEMÁTICAS: GEOMETRIA, ARTE E CONHECIMENTO

Este trabalho objetiva apresentar uma proposta didática de vivências e construções do conhecimento matemático, embasadas nos cadernos de formação do PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A proposta desenvolveu-se na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS, no Projeto AABB Comunidade, nos grupos G2 e G6, com 45 crianças de 8 a 11 anos, alunos de três escolas Municipais no contraturno escolar, durante o ano letivo de 2014. A sustentação da temática sobre elementos da Geometria e as possíveis conexões com a Arte teve observação atenta do ambiente, pesquisa, dramatização, releitura, criação e autoria. A sensibilização, oralização e socialização dos saberes artísticos matemáticos construídos pelos educandos teve como culminância a participação dinâmica na Feira de Criatividade Interativa 2014. Assim, artistas e manifestações artísticas são identificados e as obras com conteúdos geométricos são fruto de releituras, sistematização de registros, processo de criação de obra autoral e as repercussões deste estudo resultam na impressão artesanal de camisetas customizadas, utilizando giz de cera, lixa de madeira e arte singular baseada em estilo artístico de Mondrian, Volpi, Romero Brito e Gaudí. O resultado deste trabalho evidencia que a Formação Continuada, como Orientadora de Estudos PNAIC, além de motivar novas experiências das alfabetizadoras em suas ambiências escolares, também serve de sustentação teórica para o enriquecimento pedagógico das atividades próprias como educadora.

PALAVRAS-CHAVE: Matemática; Arte; Alfabetização.

ADRIANA PILGER KLERING

adriana.klering@gmail.com.br

Maristela Milani Pinz

Verônica Dhein

PNAIC: TEORIA E PRÁTICA CONTEXTUALIZADA EM SALA DE AULA

Ao encerrarmos mais este ano de Formação, instigamos os cursistas a responderem algumas perguntas, para entendermos como a Formação contribuiu para a sua prática pedagógica. A partir das repostas, podemos afirmar que a Formação do Pnaic contribuiu para a mudança da prática pedagógica dos nossos cursistas, professores da Rede de Ensino de Ivoi. Na área da linguagem, os professores salientaram que os 4 eixos (leitura, oralidade, produção textual e análise linguística) contribuíram para que organizassem melhor suas rotinas, envolvendo a ludicidade e a sequência didática, por meio de projetos elaborados junto aos estudantes. Na área da alfabetização matemática, também estudamos e aprofundamos os 5 eixos (números e operações, pensamento algébrico, geometria, grandezas e medidas e educação estatística). Esse estudo trouxe mais motivação e segurança para trabalharem com os alunos de maneira significativa, contextualizando os estudos com as outras áreas do conhecimento. Os encontros semanais com os pares propiciou momentos de reflexão e de compartilhamento de ideias, angústias, discussões,



que fortaleceram as atividades junto aos educandos. Outro enfoque dos questionamentos foi referente ao caderno de metacognição. Para muitos, essa forma de registro serviu para refletir e acompanhar o desenvolvimento e a progressão dos encontros semanais de Formação. Em contrapartida, alguns professores não se motivaram com essa ferramenta, nem a usaram para sua reflexão. Dessa forma, podemos afirmar, por meio da pesquisa realizada, que a Formação do Pnaic possibilitou uma articulação entre a teoria e a prática, tornando a aprendizagem contextualizada para o educando, e trazendo motivação para os professores buscarem cada vez mais aperfeiçoamento.

PALAVRAS-CHAVE: Formação; Práticas pedagógicas; Aprendizagem.

ADRIANA ROSA BRZEZINSKI

adri.brzezinski@gmail.com

Tania Beatriz da Cunha Garcia

Jussânia Andriotti

O PAPEL DO BRINCAR E JOGAR NA ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA

O presente trabalho foi utilizado nos primeiros encontros sobre alfabetização matemática. Foi elaborado com trechos de textos do Caderno Apresentação, permeados com técnicas e recursos didáticos que exemplificam as teorizações contidas na apresentação em slides. Falamos sobre a ludicidade e os jogos em suas intencionalidades pedagógicas e seus desdobramento na interação com a criança. Procuramos valorizar a presença do jogo como recurso pedagógico para a alfabetização matemática na proposta de numeramento, salientando serem os jogos naturalmente uma forma social de interação com a matemática e seus conceitos, apresentando suas funções, seus elementos, descortinando as hipóteses da criança na construção do número e do algoritmo, bem como se utilizando do concreto para o avanço à abstração. O material se apresenta em slides com a teoria e jogos articulando teoria e práxis.

PALAVRAS-CHAVE: Brincar; Jogos; Lúdico; Alfabetização matemática; Numeramento.

ALESSANDRA BUGS DOS SANTOS

alebugs@hotmail.com

Raquel Soares da Silva

Rosemari Oliveira de Andrade

ALFABETIZAÇÃO: UM TRABALHO ARTESANAL

Pensar em estratégias e flexibilizar as formas de organizar o trabalho pedagógico implica em visualizar a alfabetização como um trabalho artesanal diário, possibilitando aos professores reavaliar os movimentos de aprendizagem dos alunos. Agregamos a este pensar, os pressupostos teóricos e práticos da formação do PNAIC, pois através desta, foi possível conquistar, resgatar e



motivar o professor alfabetizador em sua plenitude matemática, reforçando o objetivo maior, garantir os direitos de aprendizagem de cada aluno. Conceber a aprendizagem e a aula de matemática como “cenário de investigação” ou como cenário/ ambiente de aprendizagem requer uma nova postura do professor. Ele continua tendo um papel central na aprendizagem do aluno, mas de forma a possibilitar que esses cenários sejam criados em sala de aula; e é o professor quem cria as oportunidades para a aprendizagem – seja na escolha de atividades significativas e desafiadoras para seus alunos, seja na gestão de sala de aula: nas perguntas interessantes que faz e que mobilizam os alunos ao pensamento, à indagação; na postura investigativa que assume diante da imprevisibilidade sempre presente numa sala de aula; na ousadia de sair da “zona de conforto” e arriscar-se na “zona de risco”. Cabe ressaltar o papel da escrita, em matemática, pois pode auxiliar o trabalho pedagógico em dois aspectos: na construção da memória e na comunicação a distância. Nesse viés, através de reflexões e descobertas, vinculadas ao processo de ensino respeitando tempos e espaços pedagógicos, construiu-se um pacto, não só de assiduidade, estudos e socializações, mas de amizade, pois acreditamos na aproximação como crescimento pessoal, e este aproximar é o tempero certo para que o professor sinta-se protagonista de sua história como viajante no campo do saber e da produção de novas linguagens e de novos conhecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Aprendizagem; Aluno.

ANA CAROLINE SOARES

anacaroline.soares@yahoo.com.br

Alberes Ferreira Siqueira

Lilia Jurema Monteiro Masson

APRENDIZAGEM DE FORMA LÚDICA E SIGNIFICATIVA

Nosso relato de experiência conta um pouco do trabalho desenvolvido com a Linguagem Matemática durante o curso de formação com nossas cursistas no Município de Bagé. Sempre procuramos trabalhar os cadernos de forma lúdica e diversificada, para que as cursistas levem exemplos de práticas que possam ser realizadas com seus alunos de forma lúdica e criativa, pois acreditamos que o encantamento começa com o primeiro contato com o tema dos cadernos. Procurando deixá-las motivadas a trabalhar com temas muitas vezes pouco explorados pela falta de conhecimento. Desenvolvemos nossos planejamentos articulando todos os temas abordados nos cadernos de maneira significativa, no entanto, apresentaremos neste momento a Quantificação, Registros e Agrupamentos, Construção do Sistema de Numeração Decimal, Operações na Resolução de Problemas, Geometria, Grandezas e Medidas, Educação Estatística, Seminário Final, dos quais foram desenvolvidos articulados com leituras deleite, jogos, brincadeiras, receitas, histórias infantis, músicas, releituras que exploraram acima de tudo o potencial criativo. Nosso relato será fundamentado nos cadernos do Pacto nacional pela Alfabetização na Idade Certa, com o auxílio de fotos e trabalhos que mostram a riqueza produzida nas aulas pelas cursistas do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa do Município de Bagé.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria e Prática; Significativa.



ANA CRISTINA FLORES DE PAULA

crisanaflores@yahoo.com.br

RELEITURA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA

O presente relato tem por objetivo destacar algumas estratégias formativas como a partilha de saberes, a mobilização dos saberes e a reflexividade que são pilares da formação do PNAIC e os resultados percebidos até aqui no cotidiano escolar. Durante o processo de organização do trabalho pedagógico para Alfabetização Matemática, podemos notar o empenho e a dedicação dos professores alfabetizadores na apropriação de novas conceitos que possibilitem construir em sala de aula um espaço formativo/alfabetizador, oportunizando aos alunos interações e descobertas através da releitura do processo educativo e aplicação de novas práticas. No espaço escolar professores e alunos contribuem com suas vivências dando uma ênfase diferenciada no ato de aprender. Durante a formação do PNAIC foi gratificante compartilhar conhecimentos através do estudo dos cadernos de Alfabetização Matemática, na partilha de saberes, na mobilização dos saberes da prática juntamente com os saberes teóricos, na prática da reflexividade que faziam parte da dinâmica dos encontros as quais colaboraram para as mudanças ocorridas na sala de aula, onde o principal beneficiado foi o aluno. Na busca da Educação para Todos fomos desafiadas a ressignificar nossas práticas mais comuns, transformando-as em propostas diferenciadas que levaram nossos alunos a pensarem e aprenderem, a hipotizarem, refletirem, assim, como nós educadores também crescemos no ato de ensinar, ou seja, fomos formando e fazendo nossa autoformação conforme Warschauer(2001).

PALAVRAS-CHAVE: Resignificação; Formação; Reflexão.

ANA PAULA MACHADO

paulamarisca@hotmail.com

A PRÁTICA DO REGISTROS PARA EDUCADORES E EDUCANDOS

Dentre a relevância das temáticas trabalhadas, o objetivo deste trabalho é discutir a importância do registro para educadores e educandos nas atividades Matemáticas Arroio do sal\RS. O registro de atividades para muitos educadores configura-se como tarefa corriqueira do cotidiano escolar. Porém, este recurso ainda é pouco utilizado como ferramenta no trabalho docente. O que se percebe é a necessidade de fundamentar esta proposta na intenção de transformá-la em suporte para educadores enquanto norte no planejamento e para os estudantes enquanto sistematizador de aprendizagens. Num breve recorte dos encontros realizados com as alfabetizadoras destaca-se de forma especial, a construção do conhecimento em torno dos registros. Tendo em vista que registrar é uma necessidade humana (cad. 02 p.19) e por ser assim, faz parte da cultura dos indivíduos, torna-se fundamental entender essa prática no contexto escolar. Durante a formação, a fundamentação teórica relacionada às estratégias individuais na estrutura do pensamento matemático, foi essencial para chamar a atenção das educadoras. As ações permanentes do PNAIC: caderneta de metacognição e Livro da Vida também promoveram e reforçaram a



importância do exercício do registro entre educadores e educandos. Nesse viés, se identificou que em tal processo as alfabetizadoras se perceberam registrando suas aprendizagens e na relação com seus conhecimentos passaram a transformar o seu fazer pedagógico. Registrar assume um novo significado no movimento de construção do saber. O tempo destinado a estas atividades e principalmente o pensamento individual passam a ser valorizados, ou seja, "durante um processo de discussão, o aluno é incentivado a desenvolver sua metacognição ao reconhecer sua dificuldade na compreensão de uma tarefa ou tornar-se consciente de que não compreendeu algo." (Diniz e Smole, 2012 p. 21) Nessas tentativas, o aprendizado torna-se sólido e significativo e aquilo que não se sabe passa a ter tanta importância quanto aquilo que se sabe.

PALAVRAS-CHAVE: Registro; Aprendizagens significativas.

ANDRÉA MUNIZ DO NASCIMENTO

andreamuniz.pacto@gmail.com

CADERNETA DE METACOGNIÇÃO: ESTRATÉGIAS DE REFLEXÃO SOBRE A APRENDIZAGEM DOCENTE

Este relato tem como objetivo refletir sobre a aprendizagem docente; deve ser um exercício diário de todas as pessoas, especialmente aos educadores, possibilitando a conquista progressiva da autonomia, a descoberta das próprias potencialidades e a criação de articulações entre teoria e prática passíveis de (trans)formação. Neste intuito foi proposto como exercício metacognitivo, uma reflexão, registrando atividades significativas em sala de aula com relato da atividade juntamente com o relato reflexivo. A partir deste exercício iniciou-se as reflexões escritas na Caderneta de Metacognição.

PALAVRAS-CHAVE: Metacognição; Aprendizagem; Reflexão.

ANDRÉIA TEIXEIRA LEÃO

andreatleao@hotmail.com

HISTÓRIA DA DONA BARATINHA E APRENDIZAGEM AUTORREGULADA

Este trabalho teve como objetivo, perceber de que forma os alunos expressam e relacionam os seus conhecimentos aos conteúdos revelados na história, envolvendo-se em diversas situações que lhe possibilitassem planejar, executar e avaliar tarefas para o alcance de objetivos. Vincula-se a atividade proposta, ao curso de extensão FORMAÇÃO DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS: AMPLIANDO O OLHAR realizado via OBEDUC-PACTO. O projeto contemplou vários objetivos específicos como: participar de discussões, formando ideias e opiniões; expressar ideias e pensamentos diante das situações de problematização e interação e etc. Neste trabalho relato as expressões dos alunos que estão relacionadas ao planejamento das tarefas, a execução e a avaliação, fases estas que compõe as etapas de processos de autorregulação da aprendizagem. A



autorregulação é a capacidade do indivíduo autogerar seus pensamentos, sentimentos, sendo planificada e adaptada de forma cíclica com relação a execução e avaliação que fazem parte do processo autorregulatório (SIMÃO, FERREIRA, DUARTE, 2012). A lógica expressa no modelo autorregulatório permeada pelo planejamento, a definição de metas e o estabelecimento de estratégias, implica em refletir o que se quer alcançar. Nessa perspectiva, a partir da história "A dona Baratinha", os alunos lançaram a ideia de organizar uma festa para o casamento do leão e da leoa, ressignificando a história com outros personagens e valores que foram constituídos a partir da discussão e reflexão sobre a história narrada. Nessa perspectiva os alunos realizaram uma lista de itens que foram necessários pensar para a organização da festa entre eles. Percebeu-se a partir deste trabalho que, a aprendizagem autorregulada possibilitou a realização de novos planejamentos para outras situações o que indicou a possibilidade de realizar a transferência do que aprenderam para um novo contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem autorregulada; Autonomia; Reflexão.

ANGÉLICA ARRUDA

zuzugisa@gmail.com

A CONSTRUÇÃO DO ALGORITMO NA ALFABETIZAÇÃO

A construção do algoritmo na resolução de problemas na alfabetização acontece em um processo inverso ao da compreensão e registro do raciocínio matemático. Conforme Guerios, Zimmer e Agranionih, as brincadeiras e atividades das crianças criam esquemas mentais que facilitam a compreensão de muitos conceitos matemáticos, mas estes muitas vezes não são relevados pelos educadores. A realidade escolar é subversa a esta construção ensinando de forma arbitrária e artificial, num processo de apropriação forçada e memorização estática, o que faz com que o educando necessite criar uma rede de significados arbitrários e memorizar algoritmos, uso e aplicação dos mesmos na resolução de problemas. Esse processo deixa claro que "é insuficiente um aluno saber "fazer contas" mecanicamente, se não souber as ideias matemáticas que lhes são pertinentes" (GUERIOS, ZIMMER e AGRANIONIH, 2014, p. 7). Os alunos do ciclo de alfabetização são capazes de criar estratégias variadas, na medida que se apropriam e ampliam o raciocínio matemático e consolidam o algoritmo quando este se torna a síntese do que pensam sobre as estratégias de resolução. Na prática realizada (2ºano), pode-se perceber que ao permitir que o educando construa suas estratégias a apropriação do algoritmo, como construção natural do raciocínio e a ampliação dos conceitos do campo aditivo e multiplicativo, combinados ao raciocínio lógico e aos conceitos de combinatória, permitiram aos educandos realizar relações e hipóteses matemáticas bastante avançadas. As atividades de demonstração tornaram-se um hábito do grupo, e a resolução por múltiplas abordagens serviram de ponto de partida para reflexões sobre estratégias adequadas, estratégias infrutíferas, com ênfase na sistematização das mesmas. Ao longo deste processo, pode-se perceber que na medida em que suas estratégias ficavam mais sofisticadas, mais os educandos compreendiam que os registros poderiam ser mais eficientes utilizando os algoritmos convencionais tornando-os uma ferramenta para seu raciocínio.

PALAVRAS-CHAVE: Resolução de Problemas; Raciocínio Matemático; Construção do Algoritmo.



BARBARA MILENE SILVEIRA MACHADO

barbaramilene.machado@gmail.com

Mari Angela Pereira Guterres
Susety Teresinha Serafim Saggiomo

RE/SIGNIFICANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Este relato de experiência é resultado do processo de construção de Oficinas Pedagógicas, oferecidas no curso de formação do PNAIC para professores da 18ª Coordenadoria Regional de Educação, abrangendo os municípios de Rio Grande e São José do Norte, durante o ano letivo de 2014. Essa experiência resultou na articulação entre teoria e prática, que encontrou na metodologia das oficinas pedagógicas um recurso oportuno. Esta experiência caracteriza a oficina pedagógica como forma de construir conhecimento a partir da ação e da reflexão. Uma vez que muitas vezes os professores estão imersos no cotidiano escolar, voltados apenas para a prática, deixando de articular a teoria com seu fazer pedagógico. O resultado das oficinas sugere ser essa técnica bastante eficaz na formação continuada de professores. Uma vez que, teve como objetivo subsidiar os discentes na sistematização dos conhecimentos favorecendo a troca dos mesmos. Constatamos que as oficinas pedagógicas possibilitam a construção do saber, agir e (re) fazer, que devem ser trabalhados continuamente, pois é um processo em constante construção.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria; Prática; Oficinas pedagógicas.

BRIANE CRISANTO GUTERRES

briane2010@gmail.com

REFLETINDO E CONTEXTUALIZANDO O FAZER PEDAGÓGICO

Ao iniciarmos as leituras dos Cadernos de Formação neste ano, percebemos que muitos dos trabalhos que ali estavam sendo propostos, já se fazem presentes nas atividades pedagógicas realizadas em nossa rede municipal. Porém as mesmas terminam acontecendo de maneira isolada (a atividade pela atividade), e na maioria das vezes acabam não sendo divulgadas para a comunidade escolar e demais instituições de ensino. Partindo deste diagnóstico presente em nosso grupo de estudos, passamos a refletir sobre nosso fazer pedagógico de maneira contextualizada, de acordo com a proposta de trabalho do PNAIC para o ciclo de alfabetização, retomando os objetivos e direitos de aprendizagem do mesmo, a fim de oportunizar a reflexão das práticas docentes, buscando incentivar e estimular o registro e divulgação dos trabalhos realizados no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Reflexão; Prática; Contextualização.



CÁSSIA RAQUEL BEIERSDORF

cassinhaprof@gmail.com

GRANDEZAS E MEDIDAS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO MUNICÍPIO DE ARROIO DO PADRE

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa teve, em 2014, a Matemática como foco. Entre os temas abordados, um dos que se destaca é Grandezas e Medidas. Segundo Munhoz, de Paula e Moraes (2014, p. 18), o trabalho com este eixo tem grande relevância pela sua presença em práticas sociais, pela articulação com outras áreas da Matemática e do conhecimento, bem como, com a prática de diversas profissões. Assim sendo, os Direitos de Aprendizagem das crianças de 6 a 8 anos prevêem que haja a experimentação de situações cotidianas ou lúdicas, envolvendo os diversos tipos de grandezas: comprimento, massa, capacidade, temperatura e tempo. Nesta direção, tendo como principal objetivo construir estratégias não convencionais de medida, bem como, reconhecer, selecionar e utilizar os instrumentos convencionais à cada grandeza (tempo, comprimento, massa, capacidade), as alfabetizadoras do município de Arroio do Padre desenvolveram uma série de atividades com seus alunos, entre as quais se destaca: o desenvolvimento dos conteúdos a partir da leitura e exploração de livros das obras complementares, tais como "Quem vai ficar com o pêssego?" (Yong Ah-Hae e Yang Hie Won), "Só um minutinho" (Ana Maria Machado), "O tempo" (Ivo Minkovicius) e "O tamanho da gente" (Murilo Cisalpino); a construção de instrumentos de medida; a experimentação e comparação entre diferentes instrumentos de medida convencionais e não convencionais com espaços, objetos e corpos do cotidiano das crianças; dinâmicas, jogos e músicas com o uso das unidades de medida; o preparo de receitas e a resolução de problemas envolvendo situações relacionadas. Através dos relatos apresentados pelas alfabetizadoras, notou-se que os objetivos e Direitos de Aprendizagem apresentados para a referida unidade de estudo foram alcançados com excelência e os alunos usufruíram de aulas que foram prazerosas e, sobretudo, significativas para eles.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas; Grandezas; Medidas.

CERES DENISE OLIVEIRA TEIXEIRA DELABARY

denisedelabary@hotmail.com

SEQUÊNCIA DIDÁTICA PÉS NA AREIA, CONTANDO DE DEZ EM DEZ

O trabalho apresentado será a experiência de uma sequência didática desenvolvida com os alunos do 3º ano da Escola Municipal Professora Helena Ferreira, da professora Rita Ferreira. A sequência didática "Pés na Areia – Contando de Dez em Dez" foi prazerosa, significativa e de grande contribuição para o processo de contagem, no qual as crianças tiveram de reproduzir oralmente os nomes dos números na sequência correta. Foram realizadas diversas atividades envolvendo brincadeiras, jogos em grupos, desafios e passeios, levando os alunos a uma participação ativa interagindo mais com seus colegas, com momentos de trocas de experiências, conseguindo atingir níveis de autonomia, reflexão e criticidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sistema de numeração decimal; Contando (contagem oral); Pés.



CLAUDIR T. RODRIGUES LIMA

limaclaudir@ig.com.br

REFLEXÕES SOBRE O NUMERAMENTO - UMA PERSPECTIVA SOCIAL

Esta pesquisa, realizada em uma escola pública do ensino fundamental de Porto Alegre, tem por objetivo investigar a perspectiva do uso social da Matemática. Surgiu a partir de uma inquietação pessoal, enquanto educadora e professora dos anos iniciais, tendo em vista as dificuldades apresentadas pelos alunos, no tocante à compreensão e interpretação da linguagem e dos conceitos matemáticos. Embasada pelos estudos realizados enquanto professora Orientadora de Estudos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, apresenta uma reflexão sobre a necessidade de trabalhar de outra forma os conteúdos matemáticos, que levem o aluno a descobrir o sentido e o gosto pela aprendizagem. A partir da década de 1990, a alfabetização passou a ser veiculada a outro fenômeno: o Letramento, tendo em Magda Soares seu principal referencial teórico. Se por um lado, a alfabetização representa a apropriação das regras do sistema de escrita alfabético, o Letramento antecede, acompanha e ultrapassa o domínio do código pela criança, levando em consideração a função social da escrita nas questões diárias. Tendo por molde esta perspectiva social, inscreve-se a proposta de Numeramento com o objetivo de investigar o uso da Matemática em situações do cotidiano. Propõe-se ainda, investigar as habilidades do letramento aliadas às habilidades matemáticas. A metodologia utilizada parte da Literatura Infantil em uma proposta lúdica e desafiadora, onde os conteúdos trabalhados seguem os eixos da Matemática, segundo o ano/ciclo do aluno: números e operações, espaço e forma, grandezas e medidas, resolução de problemas e o tratamento da informação. A Matemática, apropriando-se da leitura dos livros infantis, possibilita o contato com o livro, apresenta a prática da leitura compreensiva, propicia o fazer questionamentos, levantar hipóteses, desenvolver habilidades matemáticas, raciocínio lógico, trabalha de forma integrada e transversal com outras áreas do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Numeramento; Letramento; Literatura.

CRISTIANE ALVES DA CUNHA

cristianeipa@gmail.com

Márcia Derungs

NA MINHA ESCOLA TEMOS PROBLEMAS

O presente relato aborda uma experiência de articulação entre o programa do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e a resolução de problemas. A abordagem do PNAIC descreve um problema matemático, como uma situação que requer a busca de estratégias para se chegar a um resultado. Nosso cotidiano é repleto de matemática e situações-problema, e mesmo antes de entrar na escola as crianças já tem experiência com números e conceitos matemáticos, no entanto, temos a prática de padronizar o ensino da matemática desconsiderando os conhecimentos prévios, engessando a forma de ensinar com “exercícios de arme e efetue” que na maioria das vezes não faz sentido para os alunos. É pensando nessa forma que oportunizamos aos



alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ricardo Faicker Nunes, localizada no município de Viamão, região metropolitana de Porto Alegre/RS, momentos de reflexão e debates a cerca de problemas matemáticos. A Escola foi “invadida” por problemas, expostos em banners. Os alunos do primeiro ciclo de alfabetização, tomados pela curiosidade investigativa, foram levados a construir estratégias de resolução. Os registros foram agrupados e os alunos foram convidados para um seminário, no qual, após debater e identificar várias estratégias chegaram ao consenso do resultado. A partir dessa experiência um problema passa a ser visto não mais como algo que inspira regras e repetições, mas como uma atividade desafiadora e estimulante, despertando a atenção, participação e o raciocínio, fomentando novas possibilidades de alunos e professores a achar novos caminhos e descobrir novas relações de aprender e ensinar.

PALAVRAS-CHAVE: Resolução de problemas; Estratégias; Registros.

ELIANE TEREZINHA RAYMUNDO GUEDES

elianegueds@yahoo.com.br

Elisabete Moreira Soca Bergamo
Celia Regina Silveira da Silva

OS CARRETEIROS

O relato de experiência é de uma alfabetizadora que fez um trabalho de resgate da tradição do local - escola do Campo, com os carreiros, atividade típica da região, empregando os ensinamentos de alfabetização e letramento (SEA) e Alfabetização Matemática (SND). O trabalho contou com a participação da comunidade escolar. Foram desenvolvidas atividades artísticas, de letramento e Matemática contextualizado com a realidade dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: São Gabriel; Os Carreiros; Cultura; Tradição.

FERNANDA MARIA CASSEL

cassel.fernanda@gmail.com

Elisa Eccel Zerves

RESSIGNIFICANDO O FAZER PEDAGÓGICO

Através deste relato de experiência busca-se apresentar duas ações resultantes dos encontros de formação do Pnaic 2013/2014. A primeira delas diz respeito a uma oficina de ludicidade realizada no Seminário Municipal de Educação em agosto de 2014, direcionada a professores de quarto e quinto ano, que foi pensada após a realização de uma aula voltada a este tema nos encontros do Pnaic e que teve muitos reflexos positivos. O objetivo da oficina foi o de reforçar a importância da ludicidade, nas mais diversas áreas de conhecimento, como facilitadora no processo de ensino-aprendizagem da criança para que esta seja capaz de desenvolver suas iniciativas sem ter que



seguir um modelo determinado. Neste sentido, auxiliar o desenvolvimento integral da criança e propor práticas fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, físico, emocional e social da mesma. Winnicott apresenta-nos uma compreensão integradora entre o brincar e a aprendizagem: “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self).” (1975, p. 80). A segunda ação refere-se ao lançamento de uma revista a nível municipal voltada para os professores alfabetizadores do município, que participaram do Pnaic em 2013, com riquíssimas contribuições das cursistas no corpo da revista. Em relação à revista, esta teve como principal objetivo divulgar e valorizar o trabalho das cursistas, além de lincar a teoria com a prática, como forma de aprimoramento da prática, sempre tendo como foco principal o aluno. Ambas, a oficina de ludicidade e a revista, foram momentos de riquíssimas trocas entre os professores e oportunizaram o crescente processo de formação continuada dos professores em nosso município.

PALAVRAS-CHAVE: Ludicidade; Revista; Teoria/prática.

FERNANDA TAVARES VESTFAHL

fevestfahl@hotmail.com

PNAIC E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA – TRANSFORMANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

No início das formações em alfabetização Matemática percebi pelos relatos que as cursistas tinham muitas dúvidas sobre como trabalhar os conteúdos de Matemática com seus alunos. Ao longo das formações fui orientando as cursistas e através dos estudos dos Cadernos de Matemática, das trocas de experiências e reflexões sobre a prática, novas possibilidades foram surgindo, aliando teoria e prática. A Matemática antes trabalhada de forma tradicional e mecânica, na maioria das vezes através de algoritmos, foi substituída por um trabalho mais dinâmico e voltado para a resolução de problemas do cotidiano, mais lúdico e prazeroso. Nesta perspectiva prática, Sacristán e Pérez Gómez (1998) definem duas abordagens para os cursos de formação de professores: a abordagem tradicional e a abordagem reflexiva sobre a prática. Procurei orientar o trabalho na segunda abordagem, denominada reflexiva sobre a prática, levando as professoras alfabetizadoras a refletirem constantemente sobre suas práticas pedagógicas. Segundo Houpert (2005), essa capacidade deve ser exercitada e fazer parte da prática cotidiana do professor, pois favorece as tomadas de decisão na sala de aula e pode ajudar a antecipar os atos cognitivos dos seus alunos. Pelas observações feitas em sala de aula e nos relatos de experiências dos encontros de formação concluo que houve uma transformação considerável nas práticas pedagógicas das cursistas e com relato de uma professora alfabetizadora do 3º ano na apresentação do Seminário Local. “A formação de professores em alfabetização Matemática proporcionada pelo PNAIC, possibilitou que eu transformasse minha prática pedagógica”.

PALAVRAS-CHAVE: PNAIC; Matemática; Transformação da prática pedagógica.



FLÁVIO ALVES DA GAMA

pena.gama@gamail.com

METACOGNIÇÃO: UM NÓ DIFÍCIL DE DESATAR

Decidi abordar sobre a METACOGNIÇÃO porque me debrucei sobre esse assunto na retomada dos cadernos das LINGUAGENS e agora na MATEMÁTICA. Meu grupo de alfabetizadoras mostrou-se muito resistente no tocante a fazer a metacognição e por esse motivo apresentei uma plêiade de perguntas que as fez escrever sobre o que estava sendo perguntado. As perguntas que elaborei tinham esse propósito que elas pensassem e falassem livremente sobre tudo, ou seja, não só o que foi visto este ano nas formações de matemática. Na sua escola o PACTO teve algum impacto? A equipe diretiva e pedagógica da escola deram o suporte que você alfabetizadora precisava? Suas colegas de 4º ano e 5º ano também entenderam que o PACTO dá mais ênfase aos direitos de aprendizagens do que aos conteúdos? Conseguiu dar conta dos direitos de aprendizagens previstos para o ano que você trabalha? Com que regularidade você utiliza jogos e outros materiais pedagógicos diferenciados em sala de aula? Conseguiu reunir ou confeccionar outros materiais para serem usados por seus alunos em sala de aula? Cite 3. O PACTO mudou sua prática? Usou os materiais das caixas do PACTO e as atividades diferenciadas que você conheceu através dos estudos e de seu Orientador Prof. Flávio? Gostaria de aprofundar algum assunto que não tenha ficado muito claro? Tens domínio dos assuntos trabalhados nas formações? Faça uma avaliação do seu Orientador e deixe uma mensagem para ele. Tabulei suas respostas e verifiquei que a metacognição propriamente dita poucas fizeram. A metacognição não se dá de forma espontânea. Raramente isso acontece. Assim, quem trabalha com formação e formação de professores deve pensar estratégias para fazer com que as pessoas realizem a metacognição.

PALAVRAS-CHAVE: Espontaneidade; Reflexão; Estratégias.

GISELE SUSAN GIACOMIN

gi.giacomin@ig.com.br

Ana Cristina Ritter Rauta

ALFABETIZAÇÃO E DOCÊNCIA COMPARTILHADA: UM PLANEJAMENTO FEITO DE PARCERIA E MOTIVAÇÃO

O presente resumo traz o relato de uma prática envolvendo a docência compartilhada em duas turmas de primeiro ano do ciclo de alfabetização, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Irmão Weibert, no município de São Leopoldo, no ano de 2014. Percebendo que em nossa rede de ensino os tempos e espaços escolares tem fragmentado as aprendizagens ao longo do bloco pedagógico com a circulação de vários profissionais adentrando a sala de aula de modo isolado e, ao mesmo tempo, entendendo a importância de outros olhares ao longo do ano letivo sobre o aluno, optamos por efetivar a docência compartilhada em alguns momentos do nosso dia a dia escolar a fim de tecer um trabalho pedagógico articulando aprendizagens. A docência compartilhada designa a atuação de dois educadores na mesma turma partilhando da reflexão e da prática pedagógica num trabalho de cooperação e articulação da prática em sala de aula. Nos



dias atuais o uso da tecnologia como aliada na comunicação e na informação, teve um papel importante no desenvolvimento dessa proposta. Apresentaremos relatos de momentos de construção de aprendizagem significativa das duas turmas, através dos mascotes Bia e Marcelo, Sacola da Leitura, Projeto Pé de Vento e o uso das redes sociais como uma forma de contato direto com as famílias.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Docência compartilhada; Família.

GRACIELA TRAMONTINA POLETO

gracielatramontinapoletto@bol.com.br

CRIANDO HISTÓRIAS GEOMÉTRICAS

O presente trabalho visa fazer uma reflexão a cerca de uma atividade lúdica desenvolvida pelas cursistas nas turmas de primeiro e segundo anos. Essa proposta teve como objetivos conhecer, nomear, construir e utilizar as formas geométricas planas nas histórias geométricas criadas pelas crianças ou ilustrar a literatura infantil existente. Este trabalho foi pensado a partir da dinâmica “Biografia Matemática”, na questão sobre os conhecimentos matemáticos que deveriam ser aprofundados pelas cursistas para desenvolver com os alunos. O eixo da Geometria apareceu como conteúdo a ser aprofundado. O fato da literatura infantil ser considerada um material que possibilita às crianças refletir sobre as questões expressas foi determinante para obter-se bons resultados com esta proposta. Segundo Katia Smole (2000) “Essa conexão da matemática com a literatura infantil propicia um momento para aprender novos conceitos ou utilizar os já aprendidos”. A execução desta atividade partiu da seguinte proposta: foi solicitado aos alunos para recortar várias figuras geométricas de retalhos ou papéis colorido e posteriormente montar num painel ou cenário utilizando essas figuras geométricas como personagens e inventar uma história. As histórias aconteceram de diferentes maneiras: uma turma de primeiro ano criou a história a partir das figuras geométricas apresentadas pela professora, caracterizando uma carta enigmática. A turma do segundo ano confeccionou um painel com as formas geométricas e criou dois textos coletivos. Em outras turmas foram apresentados cenários e painéis já prontos para, a partir destes, as histórias serem criadas. Uma turma dramatizou a história “ Os três porquinhos” de Bia Villela. Através desta proposta pôde-se constatar que o assunto Geometria circulou pelas crianças de forma natural, pois puderam perceber que as formas geométricas estão presentes em nosso dia a dia e a ludicidade presente na proposta provocou interesse e garantiu a aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Geometria; Histórias; Literatura.



JAQUELINE DE ARAUJO DOS SANTOS

jaqueline.araujodossantos@yahoo.com.br

Maria Alice da Silveira Schmitz

Adriana Nascimento Rocha

MULTIPLICANDO POESIA

O projeto desenvolvido visa ampliar o trabalho já realizado na escola em relação a leitura e produção escrita, especificamente no gênero textual poesia e do Raciocínio Lógico Matemático, especialmente a operação multiplicação. Este acontecerá durante o segundo semestre do ano de 2014, numa ocorrência semanal de três dias na semana, estando em conformidade com a sequência didática desenvolvida em sala de aula. Para o desenvolvimento das atividades será apresentado o gênero textual poesia, buscando dentro do contexto poético, temáticas que podemos relacionar com a matemática, principalmente, e consequentemente aos demais componentes curriculares. Após o trabalho que durará o semestre, será realizado o fechamento, com uma mostra de tudo que foi construído e utilizado, bem como o lançamento de um livro que será produto das criações que os alunos realizaram após as práticas das aulas. O projeto teve como base de sua metodologia a literatura de diferentes obras que abordam os temas propostos, entre elas algumas sugeridas pelo PNAIC.

PALAVRAS-CHAVE: Produção escrita; Poesia; Raciocínio lógico matemático.

JOSIELI OLIVEIRA DA SILVA BOBSIN

josielijosiel@gmail.com

AS MUDANÇAS EM SALA DE AULA APÓS O PACTO

Como professora vinha sentido uma crescente desmotivação por minha parte e das minhas colegas, nos planejamentos e com os alunos, algumas por já estarem há algum tempo em sala de aula, outras por acreditarem que já sabem tudo. Muitas de nós haviam abandonado os jogos, os materiais concretos e algumas dinâmicas diferentes em sala de aula, transformando nossos alunos e verdadeiros escribas, copia e faz... Percebi que algumas tratavam seus alunos, quando chegavam no ciclo de alfabetização, como pequenos adultos, que tinham que cumprir regras, encher cadernos para contentar alguns pais... Brincadeiras e brinquedos só no dia que era destinado para a turma usar a pracinha... O hábito das leituras somente com objetivo de combração de seus projetos e trocas de livros uma vez por semana na biblioteca no seu horário, também destinado... E para piorar, cálculos e problemas eram dados de forma mecânica sem fazer o aluno pensar! A partir deste período de formação do PACTO vi em algumas colegas, e em mim mesma, muitas mudanças em relação aos planejamentos, na busca de atividades diferenciadas, onde nossos alunos passaram a ser o centro da aprendizagem. Em alguns momentos os professores trouxeram para o grupo suas realidades, reclamando como estava sendo difícil, mas em conjunto, conversando e expondo suas dificuldades umas para as outras, observavam e aprendiam sugestões de atividades para as aulas, que lhes davam um outro rumo para seu convívio em sala de aula e para o planejamento. Senti que a formação começou a dar o primeiro



passo para grandes mudanças no pensar sobre a alfabetização no meu município. Ainda vejo que temos muito a percorrer e que o caminho é longo e árduo. Mas acredito que as professoras adquiriram um outro e novo olhar para seus alunos e seus planejamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Aluno; Professor Alfabetizador; PACTO.

JULIANA MENDES OLIVEIRA JARDIM

juoliveira2004@yahoo.com.br

Valéria Alessandra Coelho Islabão

Isabel Silva dos Santos Teixeira

O QUE PENSAM AS CURSISTAS DO PNAIC/PELOTAS (1º ANO): TEORIA X PRÁTICA

O presente trabalho busca fazer um breve relato sobre as opiniões das cursistas de 1º ano, da rede Municipal de Pelotas, acerca do PNAIC. A pesquisa procurou compreender como as professoras estavam vendo o curso de formação e quais os impactos deste observavam em suas práticas pedagógicas. Este relato escolhe por temática, dentre as abordadas na entrevista, a relação apontada pelas alfabetizadoras entre teoria e prática. A investigação se caracteriza como um estudo de caso, realizado em outubro de 2014, tendo por campo empírico três turmas de alfabetizadoras, de 1º ano, da rede Municipal de Pelotas, que estão cursando o PNAIC e têm por orientadoras de estudo as pesquisadoras. O preenchimento do questionário aberto, contendo 11 perguntas, foi opcional e as cursistas não se identificaram. As respostas foram analisadas seguindo os preceitos da análise de conteúdos de Minayo. As cursistas apontam que houve grandes mudanças no ensino da matemática, se comparadas suas experiências como alunas e as concepções defendidas pelo PNAIC. Percebem que viemos de um ensino mecânico, baseado na memorização e exercícios repetitivos e caminhamos em direção a um ensino onde o pensamento do aluno é valorizado. Sendo este mais ativo durante as aulas, que tem seu conteúdo com relação direta com as vivências do cotidiano do aluno, o que abre espaço para um trabalho mais integrado, interdisciplinar e prazeroso.

PALAVRAS-CHAVE: Formação continuada; Prática pedagógica; PNAIC.

KARLA SUSANA LAGEMANN ISOPPO

k.susana@zipmail.com.br

ENSINO DA MATEMÁTICA E OS DESAFIOS DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

Desafio: ação de desafiar, competição, provocação. Pensando-se na alfabetização atual muitas são as ações desafiadoras, as competições – em especial com os vários meios de acesso à informação



- também às provocações, vista como metas a alcançar e a necessidade de mudança dos alfabetizadores. Quando pensamos nos desafios do alfabetizador, precisamos ter o conceito de alfabetização bem definido. Segundo Soares (2004), estar alfabetizado "É possuir as habilidades necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita". Já alfabetização Matemática é, de acordo com o MEC (2014), "... um instrumento para a leitura do mundo, numa perspectiva que supera a simples decodificação dos números e a resolução das quatro operações básicas". O professor da atualidade necessita de constante formação, assumindo a postura de mediador, auxiliando os alunos na transformação da informação, premissa já promulgada por Piaget e Vygotsky, entre outros. embasadas nestas definições é que as formações do PNAIC acontecem, enfatizando a plena alfabetização, para formar cidadãos capazes de interagir em diferentes contextos e situações, permitindo-lhes uma ampla e ativa participação social. As formações do PNAIC – 2014 trabalham na perspectiva da matematização e do numeramento, provocando certa desacomodação nos alfabetizadores, trazendo a necessidade de conhecemos as vivências e conhecimentos prévios dos alunos, transformando essas vivências em instrumento pedagógico e em conhecimento formal; foi necessário dar sentido pedagógico ao jogo e as brincadeiras, muitas vezes usadas apenas como passatempo. Durante os estudos percebeu-se que, assim como a Língua Portuguesa, a Matemática não existe por si só, mas está interligada às demais áreas do conhecimento. O trabalho realizado embasa-se nos direitos de aprendizagem e pelos eixos estruturantes do ensino da Matemática, visando preparar os professores com informações e subsídios que lhes permitam perceber como seus alunos estão aprendendo e quais intervenções são necessárias.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Formação continuada; Desafio.

LENCONI ILENI FISCHER

lenci.f@hotmail.com

Noslen U. Oliveira

MATEMATICANDO: TRABALHANDO COM OS DIFERENTES EIXOS DA MATEMÁTICA

Acreditamos que trabalhar com criança requer dinamismo e criatividade da parte do educador. Este deve trazer, no espaço de sua sala, coisas novas que chamem a atenção da criança, convidando-a a agir motora e mentalmente sobre objetos e situações. A criação de histórias possibilita confeccionar os personagens que se transformam em divertidos brinquedos. Assim, temos como objetivo trabalhar matemática e produção textual de forma criativa sem que a criança torne a matemática e o texto, um mostro em suas vidas, e sim, uma brincadeira divertida. Ainda com este objetivo, apresentaremos, a atividade da Problemoteca que consiste em uma coleção de problemas, apresentados em fichas individuais e numeradas para facilitar a identificação de cada um e colocados de modo organizado em uma caixa ou fichário. Na problemoteca são colocados problemas de tipos diferentes, desde os mais comuns até os mais sofisticados, ou seja, dos mais simples aos mais complexos, os chamados problemas não convencionais. Ao trabalhar com esses problemas, os alunos têm contato com diferentes tipos de textos e desenvolvem sua capacidade



de leitura e análise crítica. Tendo como objetivo, refletir sobre as aprendizagens favorecidas com a matemática e leitura do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Matemática; Ludicidade; Literatura infantil.

LEONY CANANÉA MARQUES

leonycananea@gmail.com

Cleusa Maria de Farias Rodrigues

Maira Rosiane Bierhals Laguna

APRENDER BRINCANDO, APRENDER COM PRAZER, APRENDER INCLUINDO

O brincar, o lúdico é essencial para o ser humano. Ao brincar a criança se aproxima do não real sendo isto importante para que ela possa distinguir o real do imaginário. É na brincadeira através da interação com o outro, que a criança aprende a construir-se como um ser social e "[...] um princípio fundamental para o desenvolvimento das atividades intelectuais da criança[...]. (FERREIRA, CAVALCANTI, apud Piaget,1987). Desta forma, a ludicidade, que alem de promover o desenvolvimento intelectual e social da criança também gera prazer, deve estar presente nas ações pedagógicas planejadas pelo professor. Como a diversidade se faz presente na sala de aula em todos os níveis da Educação Básica, alunos com dificuldades em aprender, bem como crianças deficientes, planejar ações envolvendo atividades lúdicas, favorecerá o desenvolvimento de novas aprendizagens destas crianças, promovendo desta forma a inclusão destas crianças. Foi pensando nas práticas pedagógicas que envolvem o lúdico, realizadas em duas turmas de 3º anos, sendo que uma delas composta por alunos repetentes, com dificuldades na aprendizagem, sendo que dois são deficientes, que faremos nosso relato. Nossa intenção é mostrar que as atividades lúdicas vêm ao encontro de promover as aprendizagens de todas as crianças, sendo elas deficientes ou não; com ou sem laudos, com dificuldades de aprendizagens ou crianças que apresentam um ótimo desenvolvimento cognitivo, mostrando que o jogo, a brincadeira, o lúdico na sala de aula, insere todas as crianças e de que se ao aprender brincando, aprende-se com prazer, aprende-se incluindo.

PALAVRAS-CHAVE: Lúdico; Inclusão; Aprendizagens.

LUCIANE GODOLFIM SWIRSKY

Lucianesw@hotmail.com

Patrícia Ribeiro Brasil

PNAIC/2014 – O QUE MUDOU?

Foram dois anos de formação contínua, repensando práticas, aprimorando conhecimentos



teóricos, traçando novas estratégias de intervenção, produzindo material didático para o trabalho em sala de aula. Alfabetizar na idade certa sempre foi e, cremos, continuará sendo um grande desafio. Entretanto, considerando estes dois anos que vivenciamos em conjunto, o que ficou? O que mudou? Conseguimos alcançar os objetivos almejados? Em nossa percepção sim, houve mudanças e não foram poucas. Pudemos constatar a partir de relatórios, das abordagens conceituais propostas às alfabetizadoras, do registro de atividades práticas e das experiências de trabalho em sala de aula, compartilhadas neste período, que os ganhos foram significativos. Com a formação voltada para o conhecimento matemático, conseguimos junto às professoras alfabetizadoras contornar velhas dificuldades conceituais e restaurar, no currículo do ciclo de alfabetização, uma abordagem ampliada de objetivos voltados aos direitos de aprendizagem. Tal ação não se deu apenas pela retomada teórica dos conteúdos, mas a partir do estudo sobre sua aplicação concreta em sala de aula; processo que ocorreu a partir da criação de estratégias e atividades práticas produzidas pelas professoras com a colaboração das OEs da Rede Municipal de Porto Alegre. Os resultados deste trabalho é o que desejamos apresentar em nosso relato.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência docente; Práticas pedagógicas; Alfabetização.

MÁRCIA RAUPP LIPERT
marcia_raupp@hotmail.com

A PRÁTICA METACOGNITIVA NOS ANOS INICIAIS DE ALFABETIZAÇÃO

O Relato de Experiência desenvolvido durante este ano no Município de Três Forquilhas, com alunos de 1º, 2º e 3º anos, ressaltando a importância da metacognição no processo da aquisição do SEA (Sistema da Escrita alfabetica), e SND (Sistema Numeração Decimal), os registros foram feitos em um caderno denominado."Caderno do Pensamento". O início dessa ação pedagógica originou-se da curiosidade da Orientadora de Estudos em aplicar essa atividade (também realizada com as Alfabetizadoras nos encontros de Formação do PNAIC) e estendê-la, da mesma forma, aos alunos, porém com o intuito de observar como se dá o processo de aquisição da escrita/leitura e também, como instrumento de avaliação. Lembrando que com as cursistas o objetivo era observar a criticidade e apropriação do conhecimento no encontro de formação. As questões que os discentes responderam no caderno foram: "O que aprendi?", "Como aprendi?" e "O que não aprendi?" De acordo com Zabalza "a linguagem escrita representa um novo e poderoso instrumento de pensamento onde se analisa e se reflete sobre o próprio processo de aprender, constituindo-se assim em metacognição" (ZABALZA, 1994 p. 95). A palavra **metacognição** significa para além da cognição, isto é, conscientizar, analisar e avaliar como se conhece. O resultado do trabalho desenvolveu um leque riquíssimo de aprendizagens significativas, propiciando um ambiente alfabetizador com uma nova cultura do pensar, e sendo a proposta do citado caderno acolhida pelos alunos com enorme prazer na realização das escritas. Os primeiros anos, no início, registravam apenas em desenhos, tendo as hipóteses de escritas já construídas atualmente o que torna ao alfabetizador reconhecer em que nível de escrita está seu aluno e seu avanço. Portanto, a estreita relação da metacognição com a aprendizagem deve ser explorada, visto que desempenha um importante papel na otimização e qualificação do estudo e de resolução de problemas.



PALAVRAS-CHAVE: Escrita; Metacognição; Avaliação.

MARIA CRISTINA RAMIREZ ANSELMO

criseducacao.especial@hotmail.com

AÇÕES E PRÁTICAS INCLUSIVAS COM JOGOS MATEMÁTICOS DO PNAIC

Este trabalho desenvolvido na Sala de Recursos Multifuncional com alunos incluídos e matriculados nas Séries Iniciais do Bloco de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos, com deficiências intelectual e visual, transtornos globais do desenvolvimento, autistas, síndrome de down, público alvo da educação especial. No desenvolvimento deste projeto organizei a flexibilização curricular das atividades matemáticas estudadas nos cadernos de formação bem como na prática e no desenvolvimento para aplicação dos jogos matemáticos do encarte. Saliento a importância deste trabalho pois é uma forma de sensibilizar professores e o próprio programa, pois infelizmente este público da educação especial, inseridos no ensino regular não estão sendo contemplados neste programa, pois pela segunda vez (ano) este tema foi pouco trabalhado pelos organizadores do Programa.

PALAVRAS-CHAVE: Flexibilização; Acessibilidade; Deficiências.

MARIA ELISABETE MACHADO

mmelisabete@yahoo.com.br

Micheli Silveira de Souza

Ana Lucia Souza de Freitas

O DIÁRIO DE PESQUISA COMO PROCEDIMENTO DE ENSINAR E DE APRENDER COM EDUCANDOS E EDUCADORES

O presente relato aborda uma experiência de articulação entre os programas Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) por meio do diário de pesquisa como metodologia de formação do professor pesquisador. Esta metodologia resulta do trabalho do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas Emancipatórias que se realiza na Faculdade de Educação da PUCRS, desde 2010. A utilização do diário de pesquisa como procedimento de ensinar e de aprender tem como objetivo a superação das práticas "bancárias" e o desenvolvimento da autoria de educadores e educandos. Em consonância com a metodologia do educar pela pesquisa, o contrato didático estabelecido por meio do diário tem o desafio de transformar a tradição da aula copiada em aula refletida. Como começar? O que tem que escrever? Como é para ser feito? São questionamentos que emergem diante da exigência da escrita no diário e sugerem a falta de autonomia dos educandos. A problematização destes indícios de heteronomia é um ponto de partida para a compreensão da complexidade das relações de ensinar e de aprender e da elaboração do diário de pesquisa. O processo de construção desta



proposta e a orientação sobre o como fazer tem sido um questionamento recorrente em diferentes contextos de diálogo sobre esta experiência do diário. Todavia, espera-se que esta orientação não seja vista como uma prescrição, mas como uma referência para a sua recriação em outros contextos. Apresenta-se a repercussão desta formação o potencial emancipatório do diário para a mudança de visão dos educadores e dos educandos sobre as relações de ensinar e de aprender. A partir desta experiência de articulação da universidade com a escola, analisam-se também os limites a serem superados e os novos desafios que se apresentam neste momento.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores; Diário de Pesquisa; Relação educador educando.

MARIA MADALENA GARCIA RODRIGUES
madalena.rodrigues2009@hotmail.com

O MUNDO ENCANTADO DAS HISTÓRIAS

Este trabalho cujo objetivo geral é promover e aprofundar o trabalho com gêneros textuais foi proposto através do curso de Extensão Pacto formação de professores alfabetizadores: ampliando um olhar, via OBEDUC, vinculado à Universidade Federal de Pelotas. O gênero textual escolhido para trabalhar de uma forma criativa e dinâmica foi literatura infantil. Percebendo a importância de colaborar para que o aluno leia com domínio os diferentes gêneros textuais e compreenda a leitura como fonte de prazer em seus diferentes aspectos busquei neste trabalho incentivar aqueles que não tem acesso e o gosto pela leitura, provocar nos alunos a curiosidade, a imaginação e o desejo de ler e viajar para as histórias contidas nos livros infantis. O trabalho realizado apresentou resultados significativos, principalmente em relação aos alunos que chegaram ao 3º ano do ensino fundamental ainda não alfabetizados. Como salienta Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999) as crianças elaboram conhecimentos sobre a leitura e escrita, desde cedo passando por diferentes hipóteses espontâneas e provisórias até se apropriar de toda a complexidade da língua escrita, e o professor precisa ser um agente motivador deste processo. A partir da história criamos um livro de dobraduras com os personagens que fazem parte da história e também confeccionamos um trabalho de fantoches a casa sonolenta em que cada um participou conforme sua maneira de entender, interpretar e dramatizar a história. Todos os alunos se envolveram, e principalmente se divertiram com os personagens da história. O projeto desenvolvido possibilitou a busca de novas aprendizagens e motivou-os neste processo, mostrando o quanto é importante ler, afinal, segundo Freire (1996) "ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender."

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil; Aprendizagem; Leitura e escrita.

MARIÂNGELA LINDNER FIGHERA
figheraster@gmail.com



IMPACTO DO PNAIC NAS CLASSES MULTISERIADAS DE CAÇAPAVA DO SUL

O presente trabalho visa conhecer um pouco da realidade das Escolas do Campo de Caçapava do Sul, analisando o impacto que o PNAIC trouxe para as práticas pedagógicas dos professores que atuam em classes multisseriadas. A fim de constatar se a prática pedagógica desses professores está coerente com o Projeto Político Pedagógico (P.P.P) de cada uma dessas escolas e se estão contemplando a Legislação pertinente a Educação do Campo. Foi investigado durante o trabalho de pesquisa, averiguando se houve a participação na construção coletiva do P.P.P. A metodologia utilizada no trabalho foi um estudo de caso nas classes multisseriadas do município de Caçapava do Sul – RS foi consultada uma bibliografia correspondente às escolas do campo, P.P.P. e a prática educativa dos professores. Os dados coletados foram observações, questionários e entrevistas com os professores das classes multisseriadas; numa perspectiva qualitativa e quantitativa. A pesquisa ajudou aos professores a pensarem sobre as suas práticas, problematizar situações, promovendo uma apropriação do seu próprio saber, pois a medida que ele reelabora e reflete sobre sua própria prática o professor se torna sujeito e objeto do processo vivenciado por ele. Desta forma os professores envolvidos na pesquisa, pensando sobre seu cotidiano e fundamentados teoricamente nos encontros promovidos pelo PNAIC, constitui uma modalidade de formação continuada que emerge das necessidades de cada localidade com amplas possibilidades transformadoras e emancipatórias.

PALAVRAS-CHAVE: Classes Multisseriadas; Práticas Pedagógicas; Projeto Político Pedagógico.

MARILAN DE CARVALHO MOREIRA
marilan.moreira@yahoo.com.br

CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: CASO DA REDE MUNICIPAL DE ESTEIO

Este relato de experiência trata-se de uma reflexão das experiências vivenciadas sobre o processo de reestruturação do Plano de Estudo e formação continuada para a implementação do Ciclo de Alfabetização na rede municipal de Esteio. O objetivo é subsidiar e socializar as práticas pedagógicas que estão qualificando os indicadores de qualidade através do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa e do acompanhamento sistemático da Secretaria de Educação no planejamento de ações para a elaboração do documento que baliza o currículo escolar construído com a participação dos docentes e técnicos da rede. Nesse sentido, é importante valorizar o fazer pedagógico e garantir o direito a aprendizagem dos alunos possibilitando o pensar, o criar e o transformar a realidade local, bem como, garantir uma educação de qualidade para todos.

PALAVRAS-CHAVE: Formação; Plano de Estudo; Aprendizagem.

NÚBIA NALU VARGAS AVILA
núbiava1@hotmail.com



MOSTRA DE TRABALHOS

A presente mostra tem por objetivo divulgar os trabalhos realizados pelas cursistas em suas classes de alfabetização. Estes foram realizados durante o ano letivo com atividades que envolveram a matemática e a linguagem, elaborando sequências didáticas e projetos didáticos. Foi possível através dos estudos realizados levar as alfabetizadoras refletirem sobre suas práticas pedagógicas, onde as mesmas priorizaram realizar trabalhos onde os alunos puderão participar ativamente das situações de aprendizagem. Tal intencionalidade exige do professor um planejamento consistente, onde o mesmo realiza uma avaliação processual e contínua do progresso dos alunos. A sala de aula deve constituir como um espaço no qual as crianças ficarão imersas no processo de apropriação da leitura e da escrita da língua materna, bem como da linguagem matemática. Os professores compreenderam que ele deve ser o mediador do processo educativo e que sua dinâmica da sala de aula irá interferir no processo ensino/aprendizagem de seus alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Jogo; Ludicidade; Leitura.

RAFAELA DE SOUZA OLIVEIRA

rafaela.oliveira.1983@hotmail.com

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM PROJETOS BASEADOS NOS DIREITOS DE APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA E LINGUAGEM

Este relato de experiência visa apresentar a importância do trabalho com projetos baseados nos Direitos de Aprendizagem de Linguagem e Matemática, estes projetos estão voltados ao ciclo de Alfabetização, Letramento e especialmente ao Numeramento. Através dos estudos, realizados durante o curso de formação continuada: Pacto Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa/Matemática (PNAIC), constatou-se que a Matemática era muitas vezes deixada em segundo plano na organização do trabalho pedagógico do professor, devido a ênfase dada a Alfabetização e ao Letramento. Percebeu-se que isto era um grave erro e que o Numeramento e o Letramento são indissociáveis. Com um cenário social, cultural e mercadológico, cada vez mais globalizado e complexo, o sujeito que nele pretende integrar-se tem a necessidade de possuir múltiplas competências para sobreviver a todas essas exigências. Preocupada com tais exigências, a educação adota um discurso para a formação de seus alunos como sujeitos integrais e, para tanto, busca estratégias que vão além do simples ato de transferir informações e conteúdos acadêmicos. Os projetos proporcionam aos educandos a oportunidade de opinar, criar hipóteses, pensar, decidir, escolher, criticar e assim participar de uma aprendizagem significativa que vai ao encontro dos interesses dele, já que vai além de meras memorizações e visa fazer com que o aluno aprenda a partir de práticas, pesquisas, vivências e interações sociais. Dentre as diferentes estratégias, abordagens, metodologias, etc., o trabalho com projetos parece suprir, em boa parte, a tarefa de formação do sujeito integral. Desta forma iniciou-se, nas escolas Municipais de Barão do Triunfo, um belo trabalho com projetos baseados nos direitos de aprendizagem de Linguagem e Matemática, mas também englobando outros campos do saber.

PALAVRAS-CHAVE: Projetos; Direitos de aprendizagem; Numeramento.



RAQUEL EVELINE DA SILVA
professoraraquel2010@gmail.com

PROJETO DIDÁTICO: POSSIBILIDADES DE TRABALHO NA ALFABETIZAÇÃO

As crianças demonstram grande interesse pelos dinossauros. Possuem informações, colecionam seus brinquedos, revistas, materiais diversos e apreciam filmes e livros com esta temática. Presença marcante, esses seres históricos despertam muita curiosidade sobre sua existência e também sobre seu desaparecimento. Assim, nas minhas turmas de 3º anos não foi diferente. Os brinquedos “dinossauros” circulando pela sala de aula e em conversas informais fez surgir à necessidade de conhecer mais sobre o assunto. O que iniciou como atividade dirigida para uma aula, estendeu-se e tornou-se projeto com várias etapas de pesquisa, estudo, leitura, atividades manuais, produção textual, cálculos, registros variados e envolvimento de toda a turma. O 3º ano do ensino fundamental caracteriza-se por ser o último ano do bloco de alfabetização com a consolidação desse processo. Percebi, então, com o desenvolvimento do Projeto Dinossauros, a possibilidade de contemplar a promoção da apropriação pelas crianças de práticas sociais de leitura e escrita de diversos gêneros textuais, igualmente articulando várias áreas do saber, apoiados na Matemática, Geografia, Ciências, História e Arte. Alfabetizar letrando, neste sentido, foi à relevância maior que justificou o projeto. Para mim, professora alfabetizadora, o Projeto Dinossauros permitiu-me contemplar outra experiência: a de pesquisadora. Tive que estudar muito para atuar como agente do processo ensino-aprendizagem com a intenção de garantir os direitos de aprendizagem na alfabetização das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto didático; Alfabetização; Direitos de aprendizagem.

ROSANA SOARES NUNES
rosana.capivari@terra.com.br

CONTEMPLANDO A INFÂNCIA PELA JANELA DA DOCÊNCIA: MEMÓRIAS, SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA MATEMÁTICA NOS PRIMEIROS ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO

Este trabalho busca anunciar análise de discursos das nove professoras-cursistas do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa do município litorâneo de Capivari do Sul que, durante o ano de 2014, realizaram estudos organizados em forma de formação continuada com uma estrutura determinada pelo programa com ênfase no ensino da matemática dos três primeiros anos do ensino fundamental. Esta pesquisa inscreve-se numa perspectiva de estudo de memórias e história oral, tecendo sentidos em torno das relações estabelecidas entre as memórias das experiências vividas pelas professoras-cursistas com a matemática enquanto crianças na escola e sua atuação na matemática enquanto docente em classes dos três primeiros anos do ensino fundamental. Para análise destes discursos foi utilizada a técnica de entrevistas gravadas com roteiro semi estruturado. O trabalho revela confirmações, mas também alterações dos sentidos e significados da docência, acenando para transformações que se moldam e se



reestruturam a partir das vivências docentes, sejam por formação ou por reflexão sobre a própria ação docente.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Discurso; História oral; Docência.

ROSANE MACHADO MOLINA BRIÃO

rosanemolin@ibest.com.br

NUMERAMENTO “O SABER MATEMÁTICO”

O presente relato tem por objetivo apresentar uma abordagem reflexiva no que tange às discussões teóricas sobre letramento e numeramento matemático. Neste estudo, tratar-se-á de questões pertinentes ao ensino da matemática, apoiando-se para tal nos autores que discorrem sobre essa temática, e em relatos de trabalhos de professores alfabetizadores que visam favorecer a aquisição de esclarecimentos sobre os conhecimentos matemáticos em situações problemas reais. Ao considerar que a educação matemática, pode ser compreendida como um campo ainda muito vasto para investigações e estudos, percebe-se a importância das variadas práticas e atitudes existentes nos espaços escolares em torno da leitura e escrita, desejando-se com isto, dar subsídios para que indivíduos possam posicionar-se frente aos mais diversos contextos sociais. A metodologia utilizada neste relato será de cunho bibliográfico e pesquisa de campo, abordando o ensino da matemática na atualidade com vistas no conceito de letramento, e algumas ponderações envolvendo numeramento, bem como a definição de letramento e numeramento e suas relações. Nesse panorama, o ensino da matemática começa a ter uma série de implicações abrangendo desde os primeiros conhecimentos numéricos, capacidades e competências que ultrapassam a mera decodificação dos números, mas abarcando também o entendimento de inúmeros tipos de relações ligadas ao contexto social, levando em conta que a criança descobre a matemática, brincando, criando estratégias, estabelecendo relações, observando o mundo que a cerca, ocupando o seu espaço, descobrindo o igual o diferente, através de histórias, músicas, arte, organizando o seu pensamento nas brincadeiras e atividades infantis, enfim tendo todo um contexto bem antes de entrar na escola, partindo desta colocação a expressão letramento matemático surge neste relato com uma abordagem investigativa referente às demandas sociais mais recentes o numeramento, destacando como as professoras alfabetizadoras trabalham estas vivências com seus alunos, e quais as implicações que surgiram após este trabalho no pacto.

PALAVRAS-CHAVE: Numeramento; Letramento; Matemática.

ROSÂNGELA LÚCIO DUPOND DORNELES

rodupond@hotmail.com

Ivana Elise Martinez

INFLUÊNCIA DO PACTO NO TRABALHO COM SITUAÇÕES PROBLEMA

O presente relato embasa-se na perspectiva do letramento matemático, no trabalho com as



operações, que deve estar imerso em situações problema, priorizando o levantamento de hipóteses em diferentes contextos. Tendo em vista que as relações matemáticas fazem parte do cotidiano, torna-se necessário explorar situações problema que contribuam para a construção de hipóteses, favorecendo o processo de compreensão das operações, tanto do campo aditivo quanto do multiplicativo. Sabendo que as atividades matemáticas desenvolvidas na escola são escolhidas a partir de exercícios, apenas usando os algoritmos, o que se torna sem significado, sendo necessário explorar estratégias de uso real da matemática. Um aspecto fundamental na atividade com resolução de problemas é que o professor observe e considere os modos próprios de resolução de cada criança, ao invés de exercitar mecanicamente muitos cálculos. É imprescindível ler, interpretar, identificar o conhecimento matemático através do levantamento de hipóteses, escolhendo estratégias de resolução, possibilitando que o aluno perceba os diferentes caminhos que poderá percorrer, cabendo ao professor ouvir, analisar, entender as diferentes possibilidades, discutindo com o grupo e levando a uma reflexão. A apresentação desse tema causou muita estranheza às professoras, pois muitas não haviam analisado sua postura diante da escolha de situações problema, que eram feitas visando o cálculo a ser resolvido, sem se importar com o pensamento do aluno. Segundo os relatos das professoras houve uma mudança, agora partem das vivências trazidas pelas crianças, possibilitando trabalhar diferentes campos conceituais. A partir dos relatos ouvidos, evidenciou-se a necessidade da realização duma pesquisa para coletar dados a cerca de como está sendo realizado o trabalho com situações problema nas turmas do Ciclo de Alfabetização. Conclui-se que a relevância da interação da criança com diferentes situações problema e suas formas de registro, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do raciocínio matemático.

PALAVRAS-CHAVE: Hipóteses; Situações; Problema; Algoritmo.

ROSELI SAFONS DO COUTO

roselisafons@gmail.com

O PNAIC FAZENDO A DIFERENÇA EM SALA DE AULA

Quando da implantação do processo de formação para alfabetizadores em 2013 eu não dimensionava o impacto nas turmas do primeiro ciclo do ensino fundamental, tampouco a amplitude da mudança de comportamento para o universo de minha turma de cursistas. Em janeiro de 2013 eu somava muita disposição e projetava sonhos de ter uma turma de docentes afinadíssima com os propósitos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, onde tudo o que compartilhássemos nas formações fosse diretamente aplicado em sala. Mas, não obstante os mais sinceros desejos e esforços, o desenvolvimento da formação enfrentou alguns obstáculos. o que não abalou minha disposição e a turma manteve boa presença, seriedade com as tarefas e aplicações em sala com excelente aproveitamento nestes últimos 24 meses, mudando suas práticas em sala e proporcionando significativo diferencial e aproveitamento dos alunos (ainda discreto pois não temos os resultados das avaliações externas deste fim de 2014 – ANA e Provinha Brasil). Destacarei aqui duas docentes em particular cujos trabalhos ilustram minha turma de cursistas e o impacto que o PNAIC deverá promover na educação deste país nos próximos anos. A professora Cármem Lúcia que atua há mais de 25 anos no 1º ano e a professora



Viviane há 2 anos no 3º ano, realidades opostas, mas, riquíssimas em suas expressões. O 1º ano está concluindo totalmente alfabetizado com inúmeros direitos de aprendizagem já consolidados, excetuando-se uma criança que está sendo avaliada com possibilidade de vir a ser um incluso e o 3º ano que irá concluir com baixíssimo índice de retenção, mesmo tendo no início do ano alunos sem domínio do Sistema de Escrita Alfabetica e do Sistema de Numeração Decimal, sem contar que não dominavam outras habilidades mínimas, sendo esta turma composta por repetentes, portadores de necessidades sem diagnóstico e, portanto, não inclusos.

PALAVRAS-CHAVE: PNAIC; Formação Continuada; Progressão.

ROSIMAR ISIDORO MACHADO
isidororosimar@gmail.com

QUANDO A GENTE SE COMPROMETE COM O QUE FAZ

Parar para refletir sobre o próprio processo de aprendizagem não é algo comum entre as pessoas. Realizar encontros para estudos foi um desafio proposto pelo PNAIC que contribuiu muito com a autoformação de muitas pessoas. No entanto, para efetivar essa formação, antes de tudo foi necessária a motivação, a acolhida e a conquista de um grupo, que tem compromisso com o que faz e anseia em aprender, mas que não tinha o hábito de refletir sobre a própria prática. Por isso, antes de se propor qualquer planejamento, o fundamental foi conhecê-los e provocá-los como seres que estão em constante aprendizagem. Foi necessário conhecer o perfil e as características de cada um, bem como, sua bagagem teórica para que fosse possível relacionar a todo instante, os estudos feitos com conhecimentos anteriores. Assim, foi possível nos aproximar, propor situações e vivências, no qual permitiram identificar, implicitamente, a necessidade de cada professor em ser orientado na compreensão dos processos de letramento e numeramento e de como a criança os constroem. Desse modo, os estudos individuais e em grupo tiveram seu espaço, pois, proporcionaram a reflexão da prática e do que estávamos aprendendo, o que possibilitou relatos e socialização de muitas metodologias e maneiras de se fazer educação. Mas, enfim, o pilar de todo o trabalho desenvolvido foi o compromisso e a dedicação, foi alimentar sonhos e expectativas, acreditar, confiar e dar o melhor de si, para que cada um se tornasse mediador da própria aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Compromisso; Estudo; Reflexão.

SABRINA ZITZKE MEDINA
sazime@bol.com.br

UTILIZANDO RIMAS E CONSTRUINDO APRENDIZAGENS

Este trabalho vincula-se ao curso de extensão: formação de professoras alfabetizadoras: ampliando o olhar do OBEDUC. Tem como objetivo relatar uma experiência realizada em uma



turma de alfabetização a partir da abordagem de um gênero textual: poesia rimada. A partir da leitura e exploração do livro de literatura infantil "Você troca?" de Eva Furnari foram desenvolvidas atividades lúdicas que possibilitassem aos alunos trabalhar a concepção de rima (trabalho com sílabas e sonoridades) para perceber em que níveis de escrita (Ferreiro e Teberosky, 1985) eles estavam e intervir de maneira prática na evolução da escrita alfabetica. Uma das atividades foi à criação de cartazes em que os alunos observassem e escrevessem as palavras que rimavam no livro e a partir delas criassem as suas próprias "trocas" (frases rimadas), exercitando de maneira prazerosa e lúdica sua escrita. Foi possível perceber que durante a atividade, que foi realizada em grupo, vários alunos que se encontravam no nível pré-silábico da escrita puderam trocar informações e pensar sobre suas hipóteses de escrita, pois foram muitos os confrontos de ideias e hipóteses que foram sendo lançados no decorrer da atividade como: "um aluno alfabetico mostrando a um silábico que queria escrever pijama na rima com cama não bastava o "IAM" e sim duas letras para cada sílaba". O trabalho com a rima de maneira lúdica reafirmou o que Ferreiro e Teberosky (1985) traziam em sua obra, que uma aprendizagem que possibilita o pensar, a exposição de hipóteses e intervenção faz com que o aluno pense efetivamente sobre sua escrita e possibilita uma alfabetização efetiva que anda junto com o letramento. Ainda, segundo Soares (1998) refletir sobre este processo é adquirir competência para usar a leitura e a escrita e para envolver-se com práticas sociais de escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Ludicidade; Reflexão.

SILVIA CRISTINA ADAMI BERNEIRA GILL

silvia.gill@hotmail.com

LER, PESQUISAR, BRINCAR...“BRINCIAR”

O objetivo deste trabalho, vinculado a curso de extensão via OBEDUC-PACTO, é relatar a realização de atividades criativas e lúdicas através da escolha de um gênero literário – poesia, buscando através do brincar maior motivação e interesse para que os alunos vivenciassem a poesia na prática. Escolhi para este trabalho, a atividade realizada, onde aproveitei a data comemorativa do Folclore. Inicialmente propus uma pesquisa; as crianças se organizaram em grupos, entrevistavam pessoas da escola para saber brincadeiras do seu tempo de crianças e como brincavam; produzimos cartazes com os nomes das brincadeiras; conversamos sobre a forma de brincar com cada uma das pessoas entrevistadas e que as ensinasse. Como continuidade à tarefa, a poesia “Ado, ado, ado” que brinca com palavras, rimas e sentimentos, foi escolhida. Lemos a poesia, conversamos sobre o significado das palavras e pesquisamos no dicionário as palavras que não eram conhecidas pelo grupo, após trabalhamos com “Dicionário Humorístico”, poesia de Paes (1991). A partir da poesia criamos um dicionário humorístico da turma, sorteamos as letras do alfabeto (dividindo em grupos) onde os alunos escolhiam as palavras e criavam significados criativos e divertidos. O trabalho realizado possibilitou a inclusão de alunos que ainda não estavam alfabetizados, como salienta Micotti (2009), existe “a importância de se proporcionar procedimentos que permitam a participação de todas as crianças nas aulas – cada um participando segundo sua maneira de entender o que está acontecendo e tendo a oportunidade de ver sua participação acatada, ou pelo menos examinada e discutida pelo professor e pelos pares”,



possibilitando assim a inclusão e o envolvimento de todos nas aulas. Todos os alunos se envolveram, participaram e, especialmente, se divertiram. O projeto desenvolvido auxiliou mostrando o quanto é importante o brincar para aprender, pois segundo Carlos Drummond de Andrade "brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo[...]".

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetizar e Letrar; Gênero textual; Brincar.

SILVIA DOS SANTOS DALPIAZ

silvia.dalpi@gmail.com

Carise Dimer
Scheila Simone Nunes Espíndula

SEMINÁRIO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Os Seminários de Práticas Pedagógicas surgiram de demandas das professoras alfabetizadoras durante os encontros do PNAIC 2014 por sentirem a necessidade de compartilhar suas práticas pedagógicas e também de enriquece-las com as estratégias apresentadas pelas colegas. A sistemática de organização dos seminários foi modelada da seguinte forma: ao término de cada Unidade trabalhada é proposto um Seminário específico com carga horária de 4 horas; planejado de modo dinâmico a fim de contemplar o conteúdo das leituras; as diferentes áreas do conhecimento e principalmente os direitos de aprendizagem a ser garantidos com as crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Seminário; Pedagógico; Práticas.

SIMONE DE FÁTIMA DA SILVA GONÇALVES

simoneufpel@yahoo.com.br

PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA: O CONTRIBUTO DA LITERATURA INFANTIL NA PRÁTICA DOCENTE

Muitos estudos apontam para a importância de momentos lúdicos para as crianças. Ler pelo simples prazer que a literatura pode proporcionar já seria uma razão para o professor trazer o livro como um recurso imprescindível à sua prática docente. Acerca do encantamento todo próprio da literatura, Abramovich (2003) nos fala da sua importância na formação das crianças, pois é através do gosto pelas histórias que se inicia a formação do indivíduo como leitor. No entanto, o papel da literatura infantil na formação das crianças vai além do prazer que ela pode proporcionar, uma vez que tem a capacidade de estimular a imaginação criadora das crianças, despertando nelas vários e variados cruzamentos de sentidos – a “sinestesia da percepção”, como formula Lúcia Pimentel Góes, “olhos, ouvidos, nariz, boca, pele ou visão, audição, olfato, paladar, tato, mais intelecto interagindo” (Góes, 2002: p. 33). Assim, além do prazer e do estímulo à imaginação que a literatura infantil pode oferecer às crianças, ainda há outro importante aspecto, que é de cunho



pedagógico. Considerando esse princípio, o Pacto Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa traz a literatura infantil como uma importante ferramenta, tanto no processo de alfabetização e de letramento, quanto na apresentação dos conteúdos curriculares, distribuindo para as turmas de alfabetização, uma caixa de livros de literatura infantil, de acordo com a faixa etária dos alunos. Por intermédio das formações ocorridas nos municípios que aderiram ao programa, os alfabetizadores foram orientados acerca da importância da utilização desse recurso, bem como sobre a melhor maneira de utilizá-lo. Pode-se observar uma significativa modificação na prática docente na Rede Municipal de Ensino de Canoas, uma vez que ao utilizarem-se da literatura infantil, os professores têm planejado aulas mais estimulantes aos seus alunos, possibilitando a eles momentos lúdicos que tanto contribuem para a formação de leitores mais críticos e criativos.

PALAVRAS-CHAVE: PNAIC; Literatura infantil; Prática docente.

SIMONE TRINDADE PEÑA

simonepenagama@gmail.com

A FORMAÇÃO CONTINUADA E A ARTICULAÇÃO DOS SABERES

O relato irá versar sobre a formação continuada e a articulação dos saberes. O PNAIC foi uma grande possibilidade de fortalecer e garantir a formação de professores. Além disso, a garantia dos Direitos de Aprendizagem pressupõe uma permanente e cotidiana relação dos saberes com a realidade escolar. Os alfabetizadores precisam compreender que todos os saberes podem compor o currículo e não somente os conteúdos de um programa fechado. Há uma "responsabilidade ética no exercício da função docente." Paulo Freire/Pedagogia Autonomia/p.15 Para tal, é preciso possibilitar aos professores, acesso e estudo teórico sobre a cultura, arte em todas as suas manifestações, legislação e o campo da filosofia e sociologia. Que a responsabilidade humana possa estar acima de programas. Com o devido rigor metódico, porém com um profundo conhecimento. Através da pesquisa, da consciência ideológica, do respeito às diferenças, do diálogo e sobretudo da competência profissional. A experiência com as alfabetizadoras através da formação no PNAIC demonstrou o quanto é necessário e urgente aproximar os professores dos conhecimentos gerais. Se um professor não conhecer a amplitude dos aspectos da linguagem em seus diferentes gêneros e manifestações, por exemplo, certamente em seu planejamento não irá constar atividades ligadas a música, arte e a ludicidade. Em consequência destas observações e constatações durante este tempo no PNAIC, percebo o quanto o espaço de aprendizado coletivo pode auxiliar a formação das alfabetizadoras. Para uma docência realmente comprometida precisa: aceitação do novo, percepção da identidade cultural, convicção da necessidade de intervir na realidade para a mudança. Considero estes aspectos os mais necessários neste momento para os professores. No coletivo das formações podemos exercitar a escuta, a compreensão, a curiosidade, a tolerância. Ampliar as aprendizagens dos professores irá potencializar os conhecimentos de todos os envolvidos. Estou convicta de esse é o caminho para consolidar uma educação de maior qualidade em nosso país.

PALAVRAS-CHAVE: Formação; Articulação; Saberes.



SIRLEI TEDESCO

sirtedesco@hotmail.com

CONTEXTOS SIGNIFICATIVOS PARA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS: UM NOVO OLHAR PARA O FAZER PEDAGÓGICO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES

A preocupação em formular questões, elaborar hipóteses, escolher amostra e instrumentos adequados para a resolução de problemas, a coleta dos dados, a classificação e representação dos mesmos para uma tomada de decisão, são consideradas fundamentais na atitude investigativa. É nesse sentido que a pesquisa pode ser pensada como o eixo principal da formação estatística dos alunos de todos os níveis de ensino, incluindo o ciclo de alfabetização. Embora não precise ser sistematizado, pode ser iniciado a partir de situações lúdicas desenvolvendo conceitos simples, auxiliando a criança a identificar eventos com maior ou menor chance de ocorrer. O ensino da Educação Estatística deve estar voltado para o desenvolvimento de habilidades necessárias à resolução de problemas e à tomada de decisões no dia a dia, possibilitando conexões com diversas áreas do conhecimento. Nesta perspectiva, o objetivo deste relato de experiência é apresentar práticas escolares de uma instituição pública do município de Fagundes Varela, RS. A pesquisa realizada tem a pretensão de verificar como a formação do PNAIC, sobre Educação Estatística, interfere na metodologia e no fazer pedagógico do docente alfabetizador. Os dados foram coletados por meio de observações no primeiro ano do Ensino Fundamental em atividades de Estatística, que envolveram levantamento de hipóteses, registro, tabulação dos dados e verificação a partir de aparato tecnológico, além de entrevista com as professoras. Os resultados apontam para um maior envolvimento e desenvolvimento dos alunos nas habilidades de organização, descrição, classificação, construção e interpretação de dados.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Estatística; Ciclo de Alfabetização; Alfabetização Matemática.

TATIANE REGO DE LEON SILVEIRA

tatiane-silveira@seduc.rs.gov.br

O ENSINO DE MATEMÁTICA A ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: SENTIDOS, DESAFIOS E JOGOS MATEMÁTICOS

As discussões atuais sobre inclusão, especialmente na formação continuada do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), têm enfatizado as estreitas relações entre a prática escolar no primeiro ciclo de alfabetização e o desafio de ensinar os sujeitos com deficiência utilizando jogos matemáticos. Nas Escolas, observa-se que a Deficiência Visual (DV) é uma das formas de inclusão que acontece com maior frequência. Inúmeras são as restrições decorrentes da DV, porém por si só não são suficientes para configurar os desafios, limites e sentidos na alfabetização. Ao professor cabe manipular e adaptar os recursos didáticos, de forma que os alunos com DV possam participar da aula e entender o que está sendo construído com os demais alunos. Dentre as várias e relevantes contribuições que o PNAIC trouxe, temos a imensa liberdade para a utilização de materiais e recursos didáticos de forma a auxiliar e diversificar as



possibilidades de todos os alunos, de forma prazerosa, ao Direito de alfabetizar-se até aos oito anos de idade. A Matemática, considerada por muitos abstrata e complicada, faz parte do currículo básico de qualquer instituição, logo é conteúdo essencial no ensino destes alunos DV. Os recursos utilizados são de suma importância na aprendizagem desta disciplina e nos alerta para a necessidade adaptar e repensar os métodos de ensino da disciplina, a despeito das dificuldades e condições adversas de cada aluno. Devido à preocupação de como utilizar estes recursos e como ensinar Matemática a cegos e pessoas com baixa visão, este trabalho realiza-se a partir da organização de jogos para auxiliar o acesso dos educandos aos materiais, para que a construção do número ocorra de forma efetiva. Os jogos adaptados permitem afirmar o quanto o processo de aprendizagem torna-se significativo e, assim, desmistificando a DV como uma concepção de incapacidade, impedimento ou condição limitante na alfabetização.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem; Matemática; Deficiência Visual; Jogos Matemáticos.

TERESINHA AZEVEDO BARCELLOS

terebarcellos@hotmail.com

A VIDA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

O ser humano está sempre em busca de sua completude”, dizia Paulo Freire. A educação tem relação com cultura, com valores, com jeito de produzir, com espaços, com economia, com participação, com a VIDA. Segundo Ubiratan D’Ambrósio (1997, p. 35), “em todas as culturas e em todos os tempos, o conhecimento, gerado pela necessidade de uma resposta a problemas e situações distintas, está subordinado a um contexto natural, social e cultural”. No espaço do campo, a terra é a unidade. É esse sentimento de pertença à terra, a uma comunidade, a uma cultura que cria o mundo para que os sujeitos possam existir. A Educação do Campo está buscando recuperar, resgatar os saberes da tradição que foram desqualificados: a identidade dos sujeitos, os valores e a reorganização da vida no campo. Sônia Meire (2004, p. 123), diz que “um fator importante na produção dos conhecimentos e saberes está no fato de que há uma necessidade de relacionarmos como complementares os saberes da tradição e alguns conhecimentos científicos, visto que essa relação de complementaridade está presente na exigência da qualificação dos diferentes saberes e formas de organização do conhecimento no campo, que toma como referência a terra de forma complexa e transdisciplinar (aproveitamento dos recursos naturais, as inovações técnicas que convivem com práticas milenares e outras)”. Foi nesta perspectiva que nosso grupo procurou trabalhar durante esses dois anos de PNAIC - aproveitando-se das riquezas que eram passadas principalmente pelas narrativas orais do povo das comunidades, relacionando-as com estudos, práticas e sugestões dos cadernos, bem como com as obras dos acervos, na elaboração de seus Projetos e Sequências Didáticas observando os Direitos de cada Área do Conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Contextos; Transdisciplinaridade; Educação do campo.



VALÉRIA ALESSANDRA COELHO ISLABÃO

valerialessandra4@yahoo.com.br

Juliana Mendes Oliveira Jardim

Isabel Silva dos Santos Teixeira

O QUE PENSAM AS CURSISTAS DO PNAIC/PELOTAS (1º ANO): DESAFIOS E POSSIBILIDADES

O presente trabalho busca fazer um breve relato sobre as opiniões das cursistas de 1º ano, da rede Municipal de Pelotas, acerca do PNAIC. A pesquisa procurou compreender como as professoras estavam vendo o curso de formação e quais os impactos deste observavam em suas práticas pedagógicas. Este relato escolhe por temática, dentre as abordadas na entrevista, os desafios e possibilidades apontados pelas alfabetizadoras. A investigação se caracteriza como um estudo de caso, realizado em outubro de 2014, tendo por campo empírico três turmas de alfabetizadoras, de 1º ano, da rede Municipal de Pelotas, que estão cursando o PNAIC e têm por orientadoras de estudo as pesquisadoras. O preenchimento do questionário aberto, contendo 11 perguntas, foi opcional e as cursistas não se identificaram. As respostas foram analisadas seguindo os preceitos da análise de conteúdos de Minayo. As cursistas relatam que o PNAIC lhes trouxe um "novo olhar" sobre a educação e a alfabetização, com alunos mais ativos em seus processos de aprendizagem, na construção do conhecimento. Declaram que devido às reflexões que fizeram sobre suas práticas, discussões e trocas com as colegas e orientadora e leituras dos cadernos do PNAIC, inseriram em suas aulas uma maior ludicidade, na forma de jogos e brincadeiras, assim como sequências didáticas, leitura deleite e a interdisciplinaridade. Percebem ainda que existem desafios a serem vencidos, como a falta de tempo para planejar, pesquisar e estudar, o espaço físico desfavorável ao desenvolvimento de algumas atividades, ao armazenamento de materiais pedagógicos e a criação de um ambiente acolhedor e instigante, as turmas muito grandes, muito agitadas, muitas vezes com alunos especiais e com dificuldades de aprendizagem, sem o acompanhamento necessário.

PALAVRAS-CHAVE: Formação continuada; Prática pedagógica; PNAIC.

VALÉRIA FELDENS GUTHS

gerdens@yahoo.com.br

MATEMATICANDO: OS JOGOS COMO RECURSOS NO ENSINO DA MATEMÁTICA

Com os estudos do PNAIC em 2014, foi possível perceber o quanto a matemática pode ser menos complicada e mais divertida, fazendo com que o aluno aprenda a pensar e não receba tudo pronto. São muito pertinentes as palavras de Rubem Alves: "Na caixa das ferramentas, ao lado das ferramentas existentes, mas num compartimento separado, está a arte de pensar. (...). E não é para isso que se educa? Para que nossos filhos saibam sorrir? Na próxima vez, a gente abre a caixa dos brinquedos..." Por acreditarmos nas palavras do autor e por acreditarmos nas propostas dos cadernos do PNAIC, procuramos "abrir a caixa de brinquedos". Assim, pensando que os jogos



nos proporcionariam isso, começamos a fazer este trabalho lúdico nas escolas de Morro Redondo/RS. Com o intuito de mostrarmos os resultados, realizamos, então, no final do mês de novembro, um "Oficinão", em que cada turma construiu seus jogos e os trouxe para compartilhar com todos os alunos dos anos iniciais. Em cada atividade realizada conseguimos perceber o quanto as reflexões matemáticas eram feitas de forma simples e prazerosa. Tivemos, também, além dos jogos e atividades integradas de leitura, atividades de recreação. Desta forma, podemos dizer que foi um dia bastante proveitoso, onde aprendemos muito e fizemos atividades diferenciadas.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos; Brincadeiras; Matemática.

VALÉRIA LIMA DE LIMA
valeria_lima13@hotmail.com

O PRAZER COM A LEITURA DELEITE

Dentre as experiências de vida das pessoas, a leitura aparece como uma das mais adequadas para fazê-las viajar, conhecer e encontrar sentido na vida. Este sentido vem, em grande parte, do conhecimento e do modelo que a família passa na infância. Estimular o apreço pelo livro e pela literatura é despertar também o interesse pela informação. Dessa forma, desde a infância sente-se prazer em ouvir histórias pelo simples apreço de ser ouvinte. E nem imagina-se que esse hábito pode ter uma importância muito grande na vida do indivíduo, pois a inserção do momento da Leitura Deleite na sala de aula permite ao aluno entender que em nossa vida lemos com várias finalidades e uma delas é a leitura só por prazer, para nos divertirmos e distrairmos. Esta brilhante estratégia utilizada pelo PNAIC só vem a valorizar o prazer pela leitura sem cobrança. Ler e ouvir para deleitar-se, rir, refletir, ter prazer e, porque não, descansar. Pode ser apenas uma tirinha que, se bem escolhida, naquele momento da sua realização, faz com que nos desliguemos momentaneamente da rotina, da correria. E quanto aos alunos, é comprovado que se utilizada como rotina de sala de aula, eles já esperam ansiosos por este momento. Enfim, momento este em que o professor pode utilizar todo seu encantamento para fazer desta uma prática única no dia a dia escolar que trará imensa satisfação ao educador em ver a alegria nos rostos de seus alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Deleite; Prazer; Aprendizado.

VANICE PRETTO
vani.pretto@ibest.com.br

AULA PASSEIO: APRENDIZAGEM NA PRÁTICA

A aula passeio foi elaborada com o objetivo de oferecer às alfabetizadoras sugestões de atividades de situações reais que podem ser organizadas para os alunos favorecendo o processo de aprendizagem dos mesmos, levando-os a uma melhor compreensão dos assuntos estudados,



instigando mudanças na prática pedagógica do docente, inovando algumas atividades e complementando as que já vinham sendo praticadas. O roteiro organizado envolvia diversos assuntos: grandezas, medidas, localização, cartografia, sistema monetário, estimativa. As alfabetizadoras com esse roteiro em mãos, percorreram o caminho indicado, cumprindo as tarefas mencionadas, anotando o solicitado, identificando elementos que passam desapercebidos no dia a dia. Ao cumprir todo o roteiro, realizou-se a sistematização do mesmo, onde cada alfabetizadora relatou a experiência pessoal vivenciada, as impressões que tiveram, o que identificaram, elaboraram atividades e também o que perceberam individualmente, além do solicitados. Ao trabalhar certos conceitos teóricos de forma prática, a aprendizagem ocorre de forma espontânea, prazerosa. A mesma ocorre de forma espiral, ou seja, os assuntos são cada vez mais aprofundados e acabam levando a outras aprendizagens, que nem sequer tenham sido planejadas, mas por ser do interesse dos envolvidos, podem exigir uma retomada do planejamento desta mesma atividade. Isso ocorreu com as alfabetizadoras, que acabaram demonstrando interesse em outros assuntos, identificaram problemas no percurso e propuseram práticas para a sua resolução.



<http://pnaic.ufpel.edu.br>
pacto.ufpel@gmail.com